

Emigrantes / Imigrantes:

Trânsitos de cultura entre o sertão cearense e as metrópoles brasileiras

*Alexandre Barbalho*¹

Resumo: Este artigo tem como pano de fundo a confluência do global com o local, observada através dos processos migratórios e de hibridação cultural. Mais especificamente do migrante cearense que, deslocado de seu local de pertença, viveu nos grandes centros urbanos do país, em especial Rio de Janeiro e São Paulo, e depois retornou para o sertão do Ceará.

Palavra-chave: Migração; Cultura; Global; Local

Abstract: This article is about the convergence between global and local, observed through the migratory process and cultural commixtion. More specific, the migrant from Ceará that dislocated of his land, lived in the others metropolis, especially Rio de Janeiro and São Paulo, and then returned to Ceará.

Keywords: Migration; Culture; Global; Local

1. Migração e cultura na contemporaneidade

O mundo contemporâneo vive sob a conjunção, entre outras, de duas linhas de força de aparências contraditórias, mas, em verdade, complementares: a globalização e a localização.

Por globalização, de início, podemos entender os processos das mais variadas matrizes (sociais, econômicas, políticas, culturais) que conectam amplas parcelas da população em todo o mundo. São processos desterritorializantes que desconhecem as fronteiras e que têm no capital financeiro seu exemplo paradigmático.

Este contexto ocasiona o que David Harvey denomina de compressão espaço-temporal para indicar as intensas e velozes transformações pelas quais passa o mundo após a segunda metade do século passado. Tal compressão tem ocasionado “um impacto

¹Professor dos PPGs em Políticas Públicas e Sociedade da UECE e em Comunicação Social da UFC. Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela UFBA. Autor e co-organizador de diversos livros, entre os quais *Relações entre Estado e cultura no Brasil* (Unijuí, 1998) e *Comunicação e cultura das minorias* (Paulus, 2005). E-mail: alexandrebarbalho@hotmail.com

desorientado e disruptivo sobre as práticas político-econômicas, sobre o equilíbrio do poder de classe, bem como sobre a vida social e cultural” (HARVEY,1999, p. 257).

Por localização, também em uma primeira aproximação, compreendemos os movimentos individuais e coletivos que procuram valorizar seus lugares de pertença, afirmando tais espaços como base identitária. São movimentos, portanto, territorializados, ou que buscam se reterritorializar.

Entre as inúmeras tramas produzidas pela interação entre estas duas linhas de força podemos destacar a formação de culturas híbridas e os movimentos migratórios – também estes elementos profundamente inter-relacionados.

Os movimentos migratórios marcam a história humana desde as suas origens. Basta lembrar que até alcançar o controle sobre a natureza através do cultivo e do criatório, os homens viviam como nômades, em trânsito, atrás de melhores sítios para suas atividades extrativistas.

Esta locomoção atravessa os tempos motivada por inúmeros fatores naturais e sociais. No entanto, a marca diferencial deste movimento nos dias de hoje é a das tecnologias de transporte que possibilitam cruzar todo o planeta em questão de horas e massificam as viagens. Outra diferença vem das tecnologias de comunicação que permitem aos homens se transportarem não fisicamente, mas virtualmente; não em busca de sítios, mas de *sites*; não através do espaço físico, mas do ciberespaço.

O que ocorre, mais do que deslocamentos físicos ou virtuais, são os descentramentos. Já não temos a certeza do lugar de onde falamos. É a este sentimento que Stuart Hall (2003) denomina de “diáspora”. O termo relaciona-se, originalmente, à dispersão de um povo por lugares distantes ao seu de origem. Mas, contemporaneamente, diáspora não se refere necessariamente às migrações de longa distância, de um país a outro, de um continente a outro. O movimento pode ser breve, ou mesmo nem acontecer, no sentido físico. Com a globalização, todos parecemos não se sentir em casa.

Como se observa, o mundo está marcado por fluxos contínuos e intensos; por trânsitos materiais e imateriais. Claro que esta mobilidade não se dá sem conflitos. Se os turistas, os trabalhadores qualificados e os investidores são bem recebidos em terras estrangeiras, o mesmo não se pode dizer dos homens e das mulheres que, sem condição de permanecerem em seus locais de pertença, têm que migrar para centros econômica e

tecnologicamente mais desenvolvidos, dentro ou fora de seus países, em busca de oportunidade de trabalho, ou simplesmente de sobrevivência.

Para estes núcleos populacionais, o estatuto de migrante significa, no mais das vezes, exclusões materiais e simbólicas; cotidianos marcados por preconceitos, indiferenças, hostilidades – mesmo que, como mão-de-obra barata, sejam imprescindíveis à produção. Daí que estes trabalhadores vivam na corda bamba entre uma integração sempre parcial à sociedade englobante e a ameaça constante de expulsão.

Por sua vez, junto com os homens e as mulheres vão suas culturas. De modo que, se não podemos dizer que exista cultura pura, pois todas elas resultam de cruzamentos mais ou menos intensos umas com outras, é inegável que as tecnologias de transporte e de comunicação potencializam as interações culturais por todo o globo. Assim fica cada vez mais difícil operarmos com a idéia de cultura local arraigada em seus valores tradicionais, imunes, ou quase, aos contatos e influências de culturas exógenas.

A esta mistura de referentes culturais originando novas matrizes simbólicas, muitos teóricos vêm denominado de hibridação da cultura ou de culturas híbridas: em contato com bens simbólicos desterritorializados pelo mercado, as culturas tradicionais, populares, étnicas, locais, regionais, nacionais, enfim, toda aquela estrutura de sentimento e de sentido marcada por seu lugar de pertença negocia suas expressões e se transforma em algo que não é propriamente nem um, nem outro, mas um híbrido.

Tendo como pano de fundo esta confluência do global com o local, mais especificamente os processos migratórios e de hibridação cultural, nos interessa apreender os processos de subjetivação de cearenses que migraram para grandes centros urbanos e retornaram para suas cidades de origem. Ou mais especificamente, o migrante cearense que, deslocado de seu local de pertença, viveu períodos consideráveis de tempo em metrópoles brasileiras, em especial Rio de Janeiro e São Paulo, e depois retornou para o sertão do Ceará.

O recorte temporal privilegia os homens e mulheres que passaram por este processo de deslocamento, ou seja, que partiram e voltaram, nos últimos vinte anos. Pretende-se, com esta delimitação, acompanhar o movimento migratório e suas conseqüências culturais dentro da lógica da globalização e do desenvolvimento e massificação das novas tecnologias de comunicação, processos que se intensificam a partir da década de 80.

O intuito é compreender como se organiza o universo simbólico destes migrantes que saídos de um ambiente marcado por forte cultura tradicional, tanto em sua manifestação arcaica, quanto residual, mas também já em contato com a cultura emergente (WILLIAMS, 1979), proporcionada pela mídia e pela indústria cultural, em especial a televisão, se deparam com um contexto onde predomina a “implosão de sentido”, por conta do excesso de tudo: informação, publicidade, mercadorias, consumidores em uma “precessão de simulacros” (BAUDRILLARD, 1991).

Imersos neste ambiente inflacionado de signos, os migrantes têm que negociar as referências que trazem de sua terra natal com os novos valores simbólicos que se impõem. E o fazem por anos a fio. Com estas marcas alguns deles retornam ao sertão de onde partiram, que certamente já não é mais o mesmo, pois está perpassado pelas imagens desterritorializadas da televisão – basta lembrar a cena recorrente das casas de taipo com suas antenas parabólicas captando sinais...

Não se trata aqui de ver a materialização da metáfora bastante conhecida da aldeia global, onde todos conviveriam sob os mesmos elementos de uma cultura totalizante. É preciso perceber que ao lado da globalização existe a localização. De modo que seria mais vantajoso recorrermos à imagem de Aníbal Ford do *conventillo* global. *Convetillo* era o lugar onde, em Buenos Aires de fins do século XIX, encontravam-se os inúmeros estrangeiros, das mais diversas naturalidades, e onde negociavam entre si e com a cultura local.

Ford pretende indicar com este recurso metafórico a pluralidade cultural, a multiplicidade que produz “efeitos complexos e contraditórios”; que, ao contrário de uma transnacionalização única, gera “diferentes efeitos ou redes de transnacionalização. Várias transnacionalizações” (FORD, 1999, p. 66). Ou seja, não significa que o migrante, retornando ao seu local de pertença, vai encontrar uma reprodução reduzida da cultura metropolitana de onde veio por conta das tecnologias de comunicação que lá chegaram. Como demonstra Jesús Martín-Barbero (1997), as leituras das informações dependem das mediações presentes em todo núcleo societário; da singularidade de suas experiências. O que leva este sertanejo-metropolitano a novas negociações, a novas territorializações.

2. Contextualizando a migração no Ceará

Os movimentos migratórios no Nordeste parecem fazer parte de sua “essência”, tamanha é a recorrência destes fluxos na história da região. A tal ponto de tornar-se um elemento identitário do povo nordestino. Quão recorrente, por exemplo, é a imagem do cearense como “judeu brasileiro” indicando a sua diáspora pelo Brasil?

No entanto, um olhar mais atento desconstrói essa imagem e possibilita perceber o quanto de arbitrário existe nesse discurso. Ao contrário de certo tom épico em torno da migração do cearense, a análise aponta mesmo para um quadro trágico. Não é destino manifesto dos homens e das mulheres do Ceará tornarem-se migrantes. Eles não saem de suas terras para ganhar o mundo respondendo a uma natureza que lhes é própria. As motivações são bem mais perversas.

Com grande parte de seu território qualificado como semi-árido, os habitantes do sertão cearense têm vivido as intempéries dos períodos de estiagem e a falta de vontade das elites políticas nordestinas em resolver os problemas resultados de tal contexto. Em vez de canalizarem os avanços tecnológicos da modernidade para superar as dificuldades ecológicas, elas preferiram inventar uma “indústria da seca”.

Por sua vez, a estrutura fundiária do sertão nordestino, resultado da ocupação de terras para a prática do criatório extensivo, resultou na formação de latifúndios dominados por clãs familiares, cujos patriarcas, auto-intitulados coronéis, empenhavam-se em constantes conflitos sobre os limites de suas propriedades. Guerras particulares cujos soldados eram os seus camponeses agregados, com os quais estabeleciam relações de compadrio.

Sem condições de cultivar a terra em tempos de seca, no caso dos pequenos e médios proprietários, ou de viver dignamente sob as ordens de um senhor de terra, só resta ao homem do campo migrar em busca de melhores condições de vida.

A partir dos anos 1950 do século passado, com as políticas de substituição de importação e a criação do parque industrial nacional, São Paulo e Rio de Janeiro passam a atrair milhares de nordestinos que vão a busca de oportunidades de trabalho. A sedução que estas cidades, em especial a capital paulista, exercem sobre as populações pobres do sertão permanece ainda hoje, mesmo que em menor intensidade.

Diariamente, homens e mulheres partem das rodoviárias das cidades do interior cearense, quando não da capital, em direção a estes grandes centros urbanos. Sonham em melhorar de vida, arranjar trabalho que pague melhor que o trabalho na roça e muitos, acima de tudo, desejam voltar com condições para se estabelecerem em seus locais de origem. De modo que, também diariamente, só que em menor número, homens e mulheres retornam ao ponto de onde partiram anos atrás fechando o círculo migratório.

O migrante não é um sujeito totalmente desterritorializado. Se ele não ocupa um território simbólico bem definido, ocupa, por certo, uma região de fronteiras. Bhabha nos fala da sensação de distúrbio de direção, de desorganização de se viver hoje nas “fronteiras do ‘presente’”: um “além”, um “entre-lugar” pois estamos em um “momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão” (BHABHA, 1998, p. 19)².

As pergunta que ele se faz (e que podemos tomar como nossas) são: Como se formam os sujeitos nos “entre-lugares”? Como formulam estratégias de representação e/ou aquisição de poder (*empowerment*) no interior de suas comunidades?

Como vimos, o nordestino não necessitou esperar a chegada da nova ordem mundial, por muitos denominada de pós-moderna, para migrar, mas é inegável que a globalização alterou o estatuto deste migrante. Se o nomadismo é uma característica dos novos tempos, este cearense que vai e volta traz consigo toda a complexidade que marca o sujeito contemporâneo. E pensar com ele, sobre ele, pode nos ajudar a compreender melhor esses dias de hoje não só em sua dimensão local, mas também global.

3. O senso-comum liminar dos migrantes: alguns apontamentos iniciais

Nesse exercício de pensar com este migrante, recorro às reflexões de Walter Mignolo (2003) quando ele propõe um pensamento/gnose liminar, um conhecimento produzido em uma perspectiva subalterna, a partir das margens do sistema mundial. Assim o pensamento liminar corresponde não à razão universal, mas às histórias locais, aos vários

²Em texto dos anos 1970, Silviano Santiago fala do “entre-lugar” do discurso latino-americano marcado pela mestiçagem que põe em xeque a noção de unidade imposta pelo pensamento colonizador europeu. Dessa forma, a grande contribuição da América Latina para a cultura ocidental seria a “destruição sistemática dos conceitos de *unidade* e de *pureza*” (SANTIAGO, 1978, p. 18).

locais de produção e enunciação de saberes subalternizados.

Não é possível desenvolver aqui os argumentos de Mignolo, mas gostaria de propor a idéia de um senso-comum liminar, fronteiro, a partir de suas reflexões. O que estou entendendo por senso-comum liminar? É o pensamento não sistematizado produzido por sujeitos em estado de subalternidade e que desta perspectiva experienciam os movimentos de desterritorialização e reterritorialização do mundo contemporâneo.

Penso nessa idéia ao acompanhar os relatos dos migrantes que saíram de e voltaram para seus lugares e culturas de pertença. Estes cearenses constituem subjetividades fronteiriças e, portanto, visões de mundo, sentidos-comuns totalmente diferentes do sertanejo que nunca saiu de sua localidade e do paulista que nunca cruzou os limites da metrópole. Eles carregam consigo a experiência da diáspora e nos falam de um entre-lugar.

Especificamente neste artigo, trabalho com um pequeno bloco de depoimentos com o objetivo de levantar alguns elementos deste senso-comum liminar. É uma reflexão sobre o dia-a-dia marcada pela ambigüidade e que revela, sutilmente, as estratégias racionais e emocionais que justificam tanto a ida para os grandes centros, quanto o retorno para o sertão, bem como a permanência, mesmo que provisória, em ambos os espaços.

Nos relatos é recorrente a necessidade de migrar em busca de trabalho e de melhores condições de vida, muitas vezes por conta da seca que inviabiliza a vida no campo. Mas também há sempre o desejo da volta: estruturar-se financeiramente na grande cidade para voltar à sua terra com melhores condições de vida. Essa é uma primeira negociação que o migrante faz consigo e, muitas vezes, com seus familiares.

Nas palavras de uma das entrevistadas: “o sonho dá gente é voltar pra terra da gente. Acho que todo cearense vai embora e passa 30,40,50 anos, mas, o sonho dele é voltar pra cá”. Este movimento de partir, de sair de seu local de pertença, ao mesmo tempo carregando-o junto, em suas memórias afetivas: estar no entre-lugar. Um outro entrevistado revela de forma clara a estratégia:

os dias de serviços, o tempo que a gente sofria para conseguir algumas coisas (...) porque aqui mesmo para conseguir alguma coisa naquele serviço ali o dinheiro, o ganho era muito pouco. Então a possibilidade era mais lá, devido o ganho que era mais, então meu pensamento era esse aí, quando chegar montar um comércio pra mim.

Ou seja, migrar para buscar trabalho melhor remunerado, economizar recursos e voltar para sua cidade e ser dono de seu próprio negócio.

Quando essa perspectiva se demonstrar inviável, a lógica se inverte: é na cidade natal onde se encontram as melhores condições de vida, pois viver para o trabalho não vale a pena. Continua nosso entrevistado:

Eu já vivia abusado. Você morar num lugar agitado assim... A pessoa tem aquele sonho pra realizar para no dia em que vier embora, estar na sua terra natal que é melhor, aqueles amizades servem mais, a pessoa pode ter mais confiança. Então era o que eu lembrava direto, com fé em Deus eu vou embora ainda. Eu num gosto daqui (refere-se a São Paulo), não adianta uma pessoa morar num lugar que você vive mais por causa do trabalho, não tem aquela liberdade que nem lá no Ceará.

Uma terceira entrevistada nos informa que, na sua avaliação, a vida era mais barata em São Paulo, era mais em conta, que o dinheiro rendia mais, assim “você tendo seu salário dá para viver”. Com um salário e meio se vivia muito bem, logo ela não gostava de bebida, desse tipo de curtição, enquanto no Ceará “você ganha seu salário e não dá pra nada”.

Mas a ambigüidade do relato se revela quando questionada pelos motivos de sua volta. Se vivia tão bem em São Paulo porque voltar para o sertão cearense?

Porque na cidade grande você tem que batalhar mesmo e aqui (no Ceará) com pouca coisa você vive. Foi o motivo de ter vindo embora de São Paulo, só foi isso aí (...). Jamais eu troco Ceará por São Paulo. É porque no fundo, no fundo, São Paulo só tem ilusão, só ilusão. As pessoas acham que São Paulo é fácil pra viver, você vive mas você tem que batalhar, trabalhar, correr. Aqui no Ceará não, o pouco que você consegue já dá pra você passar, se você não quer trabalhar, se você quer ficar em casa e não procurar um trabalho, você passa. O pouco de alimentação que você tem dá pra passar e São Paulo, cidade grande, não meu filho, se você não tiver um caroco de feijão o vizinho não lhe dá não, e o Ceará já tem essa vantagem. Você está passando por dificuldade já é mais fácil as pessoas ajudarem você e em São Paulo não. Se não for um da família ou amigo que lhe ajude, os de lá não lhe ajudam Aqui é bem melhor!

“São Paulo é uma ilusão”, também é a sentença de uma quarta entrevistada. Não há facilidade de se encontrar bons trabalhos, bem remunerados, o que há são empregos de baixo salário, o que é complicado, pois não dá para cobrir as despesas. Mesmo morando com familiares, amigos, tem que dividir os custos, não se pode contar com a solidariedade encontrada em seu local de pertença, comentada no depoimento anterior e que também aqui surge:

num vai fazer igual aqui não, dá comida, dormida. Lá todo mundo tem que dividir as despesas, e aqui o cabra tem mais moleza do que em São Paulo (...) Eu pensei que lá era mais fácil da gente ganhar dinheiro e melhorar de vida, mas não é não. Uns se dão bem e outros não. Acho que a maioria dos que vão pra São Paulo, que se dão bem, que junta dinheiro e tudo, eles passam por muita dificuldade, acho que devem morar naquelas favelas, sei lá, aquelas casas, porque só se for assim pra economizar dinheiro.

Não pode mesmo contar com os amigos? A complexidade das relações pessoais não permite este tipo de veredicto reducionista. Um dos migrantes nos fala da diferença de sociabilidade entre o sertão e a cidade:

Acho que em primeiro lugar, a pessoa tem que ter pensamento que existe a diferença pra todos, o sistema de conversar com as pessoas, o sistema de tratar as pessoas que lá tem que ter sistema que as pessoas que tem muita educação com a gente, então a gente também tem que ver que lá aquele hábito de atenção a alguém (...) foi o que eu vi lá, achei muito bonito o pessoal, o jeito de chegar, conversar, se aproximar pra poder fazer amizade com a pessoa (...) Um lugar bem mais moderno, evoluído e também o sistema de ser e de tudo eu achei muita diferença pro lado melhor.

Indagado se sofreu algum tipo de discriminação, é enfático em dizer que não, “pois somos todos seres humanos, não existe diferença entre nós”. Mas reconhece que muitos migrantes nordestinos, cearenses, procuram esconder sua origem, ou afirmam ter vindo da capital e não do interior, pois aqueles que vêm da capital “falam melhor”, têm “sistema, o estudo é diferente e tem uma conversa um pouco diferente, pelo menos da nossa do interior”.

Nem por isso nosso entrevistado opta por abdicar de suas referências culturais, nem ele, nem seus irmãos, também migrados para São Paulo: “meus irmãos falavam ‘se muitas vezes alguém vier lhe perguntar, você fala de onde é, você não tenha vergonha não, fala no que você trabalhava e tudo, por que o feio é a pessoa pegar e mexer no que é alheio, isso aí você num ta fazendo uma coisa errada, você está falando a verdade”.

A migrante, por sua vez, reclama da falta de apoio na metrópole, ao contrário do que encontra na cidade sertaneja onde voltou habitar depois de anos fora. Mas reconhece que em São Paulo fez grandes amizades, que os amigos eram sempre presentes, que achou “muita gente boa lá, principalmente italiano, mineiro, são muito bacana”. Era um pessoal prestativo, “servidor e na hora que precisa eles tão ali juntos. Tinha uma senhora italiana

que trabalhava comigo, ela era muito bacana. Eu faltava o trabalho ela ia em casa saber o que tinha acontecido”. Tanto que se “sentia em casa. Porque a gente estando em casa a gente fica à vontade”.

São dessas amigadas que ela sente falta, quando indagada se gostaria de voltar: “Deus me livre!”, responde categoricamente. E por que não? “Não, só a liberdade que a gente tem aqui... São Paulo eu sinto saudade mas das amigas, das amigadas que eu deixei lá, mas pra morar lá de jeito nenhum”. Depois aponta para a filha que acompanhava a conversa e diz: “Ela aí tem paixão, quer ir morar em São Paulo”. E logo em seguida arremata: “tem futuro não”. Uma conclusão de quem pôde viver nos dois mundos, trafegar entre territórios diferentes e ser marcada por ambos.

Uma conclusão de quem, como diria Raymond Williams (1992), elaborou um “sistema de significações” por meio do qual a ordem social em todas as suas formas é vivenciada, ao mesmo tempo em que assume um papel essencial em sua constituição.

4. Referência Bibliografica

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacro e simulações**. Lisboa: Relógio d’Água, 1991.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 1997.

FEATHERSTONE, Mike. **O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade**. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

FORD, Aníbal. **Navegações: comunicação, cultura e crise**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo, Loyola, 1999.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais**. Colonialidade, saberes subalternos

e pensamento liminar. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

